



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: RELATOS DE UMA
TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO**

DANIELE COSTA ALEIXO

TOMÉ-AÇU/PA

2026

DANIELE COSTA ALEIXO

**A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: RELATOS DE UMA
TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

TOMÉ-AÇU/PA

2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C837e Costa Aleixo, Daniele.
A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE
TRANSFORMAÇÃO : RELATOS DE UMA TRAJETÓRIA DE
SUPERAÇÃO / Daniele Costa Aleixo. — 2026.
21 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa,
Abaetetuba, 2026.

1. Memorial Acadêmico . 2. Trajetória Educacional. 3.
Ensino Superior. 4. Língua Portuguesa. 5. Educação. I. Título.

CDD 469

DANIELE COSTA ALEIXO

**A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: RELATOS DE UMA
TRAJETÓRIA DE SUPERAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientador

Prof. Dr. Robson Borges Rua - UFPA

Examinador(a)

Prof. Dr. Antonio Bruno Cavalcante Ferreira – PUC/SP

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me sustentado em todos os momentos da minha caminhada, renovando minhas forças diante das dificuldades e permitindo que eu chegasse até esta importante conquista.

À minha mãe, por ser meu maior exemplo de coragem, trabalho e perseverança. Seu incentivo aos estudos foi fundamental para que eu nunca desistisse dos meus sonhos.

Ao meu esposo e aos meus filhos, agradeço pelo amor, compreensão, apoio e paciência durante toda essa trajetória. Vocês foram minha base e minha motivação para continuar, mesmo nos momentos mais difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Robson Borges Rua, pela dedicação, pelos ensinamentos, pela confiança e pelas valiosas orientações, que contribuíram significativamente para a construção deste memorial.

A todos os professores da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará, que compartilharam seus conhecimentos e colaboraram para minha formação acadêmica e profissional.

Aos meus colegas, amigos e familiares, que de alguma forma me incentivaram e acreditaram em mim ao longo dessa caminhada.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, por proporcionar uma formação pública, gratuita e de qualidade, tornando possível a realização de um sonho que representa muito mais do que a conclusão de um curso: simboliza a superação, a persistência e a certeza de que a educação é capaz de transformar vidas.

A todos que fizeram parte dessa trajetória, meu sincero e eterno agradecimento.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no formato de Memorial Acadêmico, analisa e relata a trajetória educacional e pessoal da autora até a conclusão da Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. A narrativa reconstrói um percurso marcado por vulnerabilidades sociais, superação de desafios estruturais de gênero e classe, interrupções escolares decorrentes de casamento precoce e a posterior retomada dos estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos. Aborda-se, ainda, a vivência no ensino superior, os impactos da pandemia de COVID-19, os desdobramentos na saúde mental e as estratégias de resiliência e autonomia no ensino individualizado até a integralização do curso. Fundamentando-se em autores como Paulo Freire, Pierre Bourdieu e Heleieth Saffioti, o estudo reflete sobre o papel da educação pública enquanto prática de liberdade, emancipação e agente de transformação social e subjetiva.

Palavras-chave: memorial acadêmico; trajetória educacional; ensino superior; língua portuguesa; educação.

Palavras-chave: memorial acadêmico; trajetória educacional; ensino superior; língua portuguesa; educação.

ABSTRACT

This Course Completion Work, presented as an Academic Memorial, analyzes and reports the author's educational and personal trajectory until the completion of the Degree in Portuguese Language and Literature at the Federal University of Pará. The narrative reconstructs a path marked by social vulnerabilities, overcoming structural challenges of gender and class, school interruptions resulting from early marriage, and the subsequent resumption of studies through Youth and Adult Education. It also addresses the experience in higher education, the impacts of the COVID-19 pandemic, developments in mental health, and strategies of resilience and autonomy in individualized teaching until program completion. Based on authors such as Paulo Freire, Pierre Bourdieu, and Heleieth Saffioti, the study reflects on the role of public education as a practice of freedom, emancipation, and an agent of social and subjective transformation.

Keywords: academic memorial; educational trajectory; higher education; portuguese language; education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 APRESENTAÇÃO: QUEM SOU EU?

3 RECONSTITUINDO A FORMAÇÃO BÁSICA

4 O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

5 OS DESAFIOS DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA: PANDEMIA, SAÚDE MENTAL E RESISTÊNCIA

6 RETOMADA E CONCLUSÃO DO CURSO

7 O TCC E A CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

9 REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Este memorial tem como objetivo relatar minha trajetória educacional até a conclusão de mais uma etapa significativa de minha vida: a formação acadêmica no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa. Trata-se de uma caminhada marcada por desafios, interrupções, recomeços e, sobretudo, pela resiliência de uma mulher que, mesmo diante de adversidades sociais, familiares e emocionais, manteve vivo o desejo de transformar sua realidade por meio da educação.

Minha trajetória é atravessada por experiências que refletem a condição de muitas mulheres oriundas de contextos populares, nas quais o acesso à educação não se dá de forma linear, mas por meio de rupturas e retomadas. Ainda assim, sustento a convicção de que o conhecimento se configura como possibilidade concreta de emancipação. Nesse sentido, compreendo que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 27).

Carregada pelas vivências familiares, trago comigo marcas profundas que influenciaram diretamente minha formação. Sou oriunda de uma família de baixa renda, criada por uma mãe trabalhadora que, mesmo diante de inúmeras dificuldades incluindo jornadas exaustivas de trabalho e a vivência de violência doméstica, nunca deixou de incentivar os estudos como caminho de transformação. Foi nesse contexto que aprendi, desde cedo, que a educação não era apenas uma possibilidade, mas uma necessidade.

Minha formação escolar ocorreu integralmente em instituições públicas, onde enfrentei limitações estruturais e dificuldades que, por vezes, comprometeram meu processo de aprendizagem. Ainda assim, essas experiências contribuíram para a construção da minha identidade enquanto estudante e, posteriormente, como futura educadora, sensível às desigualdades que atravessam o espaço escolar.

Ao longo deste memorial, apresento um percurso que parte de minhas raízes familiares, passa pelas dificuldades enfrentadas na educação básica marcada inclusive pela interrupção dos estudos em decorrência de um casamento precoce, pela retomada por meio da Educação de Jovens e Adultos ofertada pelo Sesi – Serviço Social da Indústria, até o ingresso no ensino superior na Universidade Federal do Pará.

Também abordo os desafios vivenciados durante a graduação, como a dificuldade de conciliar estudos, trabalho e família, os impactos da pandemia de COVID-19 no processo formativo e as questões relacionadas à saúde mental, que afetaram diretamente minha permanência no curso.

Por fim, apresento minha trajetória de retomada, persistência e conclusão, destacando as relações construídas, os apoios recebidos e as experiências que foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui. Mais do que relatar uma trajetória acadêmica, este memorial representa a afirmação de uma identidade construída na luta e na esperança, que encontra na educação não apenas um caminho de ascensão social, mas uma forma de resistência e transformação.

2. APRESENTAÇÃO: QUEM SOU EU?

Sou filha de uma mulher cuja trajetória foi atravessada por múltiplas formas de resistência. Minha formação pessoal e educacional foi profundamente influenciada por sua presença, marcada simultaneamente pelo cuidado, pela ausência imposta pelo trabalho exaustivo e pela vivência da violência doméstica. Cresci em um contexto no qual o espaço familiar, socialmente concebido como lugar de proteção, também se configurava como cenário de tensões, silenciamentos e violências. A presença da violência doméstica não se limitava a episódios isolados, mas se inscrevia no cotidiano, produzindo marcas subjetivas e afetivas que atravessam minha história e contribuem para a constituição de quem sou. Minha mãe, ainda assim, foi o principal pilar de sustentação da família. Responsável pela criação de cinco filhos, trabalhou intensamente em uma fábrica de suco, enfrentando jornadas prolongadas e condições que exigiam dela não apenas esforço físico, mas também resistência emocional. As horas extras, que frequentemente a faziam chegar tarde em casa, revelam não apenas a necessidade de sobrevivência, mas também as desigualdades sociais e de gênero que recaem de forma mais intensa sobre mulheres, especialmente aquelas em contextos de vulnerabilidade.

Nesse cenário, evidencia-se uma contradição marcante: ao mesmo tempo em que minha mãe era submetida a relações de violência, também exercia um papel central de cuidado, proteção e transmissão de valores. Foi por meio de sua luta diária que aprendi sobre dignidade, responsabilidade e, sobretudo, sobre a força de permanecer, mesmo diante de contextos adversos.

Reconhecer a presença da violência doméstica em minha trajetória não é apenas um ato de memória, mas também um posicionamento crítico. Trata-se de compreender que tais experiências não são individuais ou isoladas, mas fazem parte de uma estrutura social mais ampla, marcada por desigualdades de gênero, silenciamentos históricos e naturalização da violência contra a mulher. Assim, minha história é também atravessada por essas marcas — não como elemento de fragilidade, mas como fundamento de uma consciência crítica que orienta meu olhar, minha formação e minha atuação no mundo. Em decorrência das vivências de violência doméstica no ambiente familiar, minha trajetória afetiva e conjugal teve início de forma precoce. Iniciei um relacionamento aos 15 anos de idade e, em pouco tempo, passei a viver com meu companheiro, com quem construí minha família. Esse movimento não pode ser compreendido de forma isolada ou meramente individual, mas deve ser analisado à luz de contextos sociais, históricos e afetivos mais amplos.

Conforme aponta Heleieth Saffioti (2004), “a violência de gênero insere-se em uma estrutura social patriarcal, na qual se articulam desigualdades de gênero, classe e raça, contribuindo para a manutenção de relações de dominação”. Nessa mesma direção, Pierre Bourdieu (1999) contribui ao compreender que “tais relações se perpetuam também por meio da violência simbólica, isto é, um tipo de dominação sutil, naturalizada e muitas vezes invisível, que leva os próprios sujeitos a incorporarem e reproduzirem estruturas de submissão como se fossem legítimas”.

Desse modo, as escolhas e experiências que marcam minha trajetória não podem ser dissociadas dessas estruturas, uma vez que são atravessadas por processos sociais que influenciam percepções, decisões e modos de viver, evidenciando como o contexto social atua diretamente na constituição das subjetividades.

Nesse sentido, a antecipação de relações conjugais pode representar, em determinados contextos, uma tentativa de saída de um ambiente marcado por conflitos e violências. Além disso, como discute Pierre Bourdieu (1999), as experiências vividas no interior da família contribuem para a formação de disposições duráveis — o *habitus* — que orientam práticas, escolhas e percepções ao longo da vida. Assim, minha inserção precoce em uma relação conjugal pode ser compreendida também como resultado dessas disposições construídas em um contexto atravessado por tensões e desigualdades.

Ao longo dos anos, permaneci nesse relacionamento, no qual constituí minha família e tive dois filhos. Ainda hoje, sigo casada, e minha família representa meu porto seguro, sendo fonte de apoio, estabilidade e sentido para minha caminhada. Minha trajetória conjugal, portanto, não se reduz a uma escolha individual, mas se configura como parte de um processo social mais amplo, atravessado por experiências anteriores e condições estruturais. Nesse sentido, é importante considerar, como propõe Butler (2015), que as identidades e experiências de vida são produzidas no interior de normas sociais que regulam e condicionam as possibilidades de existência dos sujeitos.

As escolhas feitas, especialmente na juventude, não ocorrem em um vazio, mas são atravessadas por expectativas sociais, relações de poder e contextos de vulnerabilidade.

Refletir sobre essa vivência é, portanto, reconhecer que a violência doméstica não se limita ao espaço privado, mas constitui um fenômeno social que impacta trajetórias, subjetividades e projetos de vida. Como afirma Maria da Penha (2012), dar visibilidade a essas experiências é um passo fundamental para romper ciclos de violência e promover transformações sociais mais amplas.

Ainda assim, minha trajetória não se define apenas por essas marcas. Ao contrário, ela revela um percurso de construção e ressignificação. Ao ingressar no ensino superior e me constituir como estudante de Letras, passo a elaborar criticamente minha própria história, transformando experiências em reflexão e conhecimento. Nesse movimento, reconheço-me como sujeito ativo, capaz de reinterpretar o passado e projetar novos caminhos.

3. RECONSTITUINDO A FORMAÇÃO BÁSICA

Minha formação escolar inicial ocorreu integralmente em instituições públicas de ensino, realidade que reflete a trajetória da maioria dos sujeitos oriundos de contextos populares no Brasil. Esse percurso na escola pública, embora fundamental para minha formação, foi atravessado por limitações estruturais e sociais que impactaram diretamente meu processo de aprendizagem.

Apesar das dificuldades, minha mãe sempre valorizou a educação como caminho de transformação, incentivando constantemente os filhos a estudarem. Esse incentivo foi essencial para que, mesmo diante das adversidades, todos os meus irmãos conseguissem concluir

formações em nível técnico e superior, reafirmando a educação como importante instrumento de mobilidade social.

Meu percurso no ensino fundamental, realizado na rede pública, foi marcado por defasagens e dificuldades, chegando, em determinados momentos, a estar ameaçado de interrupção devido às limitações financeiras da família. Manter cinco crianças na escola implicava custos que, muitas vezes, ultrapassavam nossas possibilidades, fazendo com que a prioridade fosse, inevitavelmente, a garantia da alimentação.

Houve momentos em que os recursos eram escassos e a comida precisava ser racionada. Ainda assim, com esforço, fé e dedicação, minha mãe nunca deixou faltar o essencial à nossa sobrevivência. Essa experiência evidencia não apenas as dificuldades enfrentadas, mas também a força, a dignidade e o compromisso materno que sustentaram nossa família ao longo do tempo.

Após o casamento precoce, interrompi minha trajetória escolar, não concluindo o ensino médio. Esse afastamento da escola não pode ser compreendido apenas como uma decisão individual, mas como resultado de um conjunto de fatores sociais, familiares e de gênero que incidem diretamente sobre a vida de muitas mulheres. Como aponta Heleieth Saffioti (2004), as desigualdades de gênero frequentemente impõem às mulheres a priorização de papéis domésticos e familiares em detrimento de sua formação educacional.

Durante aproximadamente dez anos, permaneci distante do ambiente escolar, período em que a educação parecia um projeto interrompido. No entanto, essa interrupção não significou o apagamento do desejo de aprender, que permaneceu latente ao longo do tempo. Nesse sentido, como discute Paulo Freire (1996), a educação se configura como uma prática de liberdade, capaz de possibilitar aos sujeitos a retomada de suas trajetórias e a construção de novos sentidos para suas vidas.

Foi nesse contexto que surgiu, em minha cidade, um programa ofertado pelo SESI, que possibilitava a conclusão do ensino médio por meio de módulos, com aulas no período noturno e duração reduzida. Essa iniciativa representou, para mim, mais do que uma oportunidade educacional: constituiu a possibilidade concreta de reescrever minha história.

Ao ingressar no programa, vislumbrei a chance de retomar meus estudos e dar continuidade a um sonho que havia sido interrompido. A flexibilidade do formato — com carga horária reduzida — tornou possível conciliar os estudos com minhas responsabilidades familiares, evidenciando a importância de políticas educacionais que considerem as especificidades de sujeitos que, como eu, tiveram seus percursos escolares interrompidos.

Retornar à escola após uma década foi, ao mesmo tempo, desafiador e transformador. Esse movimento exigiu coragem, persistência e a superação de inseguranças acumuladas ao longo dos anos. Por outro lado, representou um processo significativo de reconstrução pessoal, no qual passei a me reconhecer novamente como sujeito capaz de aprender, evoluir e projetar novos caminhos.

Além disso, é importante destacar que o retorno aos estudos, especialmente na vida adulta, representa não apenas a continuidade de um percurso educacional interrompido, mas também um movimento de resistência frente às desigualdades historicamente impostas. Nesse sentido, conforme discute Pierre Bourdieu (1999), as trajetórias dos sujeitos são profundamente influenciadas por suas condições sociais de origem, que tendem a limitar ou ampliar suas possibilidades ao longo da vida. Ao retomar minha formação, rompi, ainda que parcialmente, com essas determinações, reafirmando a educação como espaço de transformação, reconstrução de si e ampliação de horizontes.

Em meio a diversos preconceitos e críticas, fui constantemente confrontada por discursos que colocavam em dúvida minha capacidade de ocupar o cargo de Auxiliar Administrativo na Secretaria Municipal de Educação do município de Tomé-Açu. Essas falas, muitas vezes naturalizadas no cotidiano, refletem o que Pierre Bourdieu (1999) denomina de violência simbólica — uma forma sutil de dominação que se manifesta por meio da deslegitimação das capacidades dos sujeitos, especialmente daqueles oriundos de contextos socialmente vulnerabilizados.

Tais experiências evidenciam como determinados espaços institucionais ainda são atravessados por julgamentos e estigmas que buscam limitar trajetórias, sobretudo de mulheres que rompem com expectativas sociais historicamente impostas. Nesse sentido, conforme aponta

bell hooks (2013), resistir a essas estruturas exige não apenas enfrentamento, mas também a construção de redes de apoio e incentivo que possibilitem a permanência e o avanço educacional.

Foi nesse contexto que encontrei apoio fundamental em minha trajetória. Para ingressar no programa educacional do SESI, contei com o incentivo de uma colega de trabalho que desempenhou papel decisivo em minha retomada dos estudos: a professora Zilá Medeiros, formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará.

Além de colega de trabalho, ela também se tornou minha professora durante o período em que estudei no SESI. Sua atuação foi marcada não apenas pela mediação do conhecimento, mas, sobretudo, por uma postura de acolhimento, incentivo e confiança em meu potencial. De forma recorrente, afirmava que eu seria capaz de realizar meus objetivos, encorajando-me a persistir mesmo diante das adversidades.

Essa relação evidencia o papel fundamental do educador enquanto agente de transformação social. Como destaca Paulo Freire (1996), ensinar não consiste em transferir conhecimento, mas em criar possibilidades para a sua produção ou construção. Nesse sentido, a atuação da professora Zilá foi essencial para que eu me reconhecesse como sujeito capaz, fortalecendo minha autoestima e minha permanência no processo educativo.

Assim, em meio às vozes que buscavam me deslegitimar, foi também por meio de uma voz que acreditou em mim que encontrei força para continuar. Essa experiência reafirma que a educação, quando orientada pelo compromisso humano e pela valorização do outro, possui o potencial de transformar trajetórias e ressignificar histórias.

Assim, a retomada dos estudos não se configurou apenas como continuidade da formação escolar, mas como reafirmação de um projeto de vida. Por meio da educação, iniciei um processo de reconstrução identitária, fortalecendo o desejo de “ser alguém” não apenas no sentido socialmente reconhecido, mas como sujeito crítico, consciente de sua trajetória e de seu papel no mundo.

4. O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

No ano de 2017, concluí o terceiro ano do ensino médio, alcançando uma etapa significativa de minha trajetória educacional. Desde então, almejava ingressar no curso de Letras

em uma universidade federal, objetivo que representava não apenas a continuidade dos estudos, mas também a possibilidade de transformação pessoal e social por meio da educação.

Com esse propósito, realizei minha inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), optando pelo polo de Tomé-Açu como local de realização das provas. Após a divulgação dos resultados, fui aprovada e iniciei, em junho de 2018, o primeiro período do curso, em formato intensivo intervalar, integrando uma turma composta por 36 alunos.

Essa conquista evidenciou, na prática, o impacto das políticas públicas de acesso à educação superior, que possibilitam a inclusão de sujeitos historicamente marginalizados no ensino acadêmico. Nesse sentido, conforme discute Paulo Freire (1996), a educação não se restringe à aquisição de conhecimentos, mas constitui-se como espaço de formação crítica e de reconhecimento do potencial transformador dos sujeitos.

Quando as aulas tiveram início, deparei-me com grandes dificuldades para acompanhar os conteúdos, resultado de anos afastada do ambiente escolar formal. Esse momento trouxe à tona sentimentos de insegurança e medo de não conseguir, levando-me, mais uma vez, a considerar a possibilidade de desistir.

No entanto, como apontam Paulo Freire (1996) e bell hooks (2013), a educação não se limita à transmissão de conteúdos, mas constitui-se como espaço de reconstrução da autoestima, de resgate do potencial do sujeito e de resistência frente às desigualdades estruturais. Desafios como esse não refletem incapacidade individual, mas evidenciam a necessidade de superação de barreiras historicamente construídas, sobretudo para mulheres que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas e enfrentam estigmas sociais.

Essa experiência inicial de dificuldade transformou-se, então, em um momento de reflexão e fortalecimento. Com o apoio de professores, colegas e de minha própria determinação, passei a compreender que os obstáculos faziam parte do processo de aprendizagem e que a persistência era fundamental para transformar a vulnerabilidade em oportunidade de crescimento.

O ingresso na universidade também representou um momento de reafirmação de minha trajetória, demonstrando que, mesmo após interrupções e desafios, é possível retomar sonhos e construir novas possibilidades. A convivência com colegas e professores, em um ambiente de

aprendizagem colaborativa, ampliou minha compreensão acerca do papel da educação como ferramenta de emancipação e fortalecimento da autonomia individual e coletiva.

Durante o curso, desenvolvi grande interesse por disciplinas que despertaram em mim um envolvimento significativo e contribuíram de forma decisiva para minha formação acadêmica. Destaco, nesse percurso, a disciplina de Sociolinguística, ministrada pelo professor Robson Borges Rua (Doutorado), que possibilitou a compreensão das relações entre língua, sociedade e variação linguística.

Também tive forte identificação com a disciplina História da Leitura e Formação do Leitor, ministrada pela professora Raimunda Dias Duarte (Doutorado), cujas discussões ampliaram minha percepção sobre o papel social da leitura e da formação de sujeitos leitores críticos.

Outra experiência marcante foi na disciplina Oficina de Compreensão e Produção Escrita em Português, ministrada pelo professor Alessandro Nobre Galvão (Doutorado), que contribuiu significativamente para o aprimoramento das minhas habilidades de leitura e escrita acadêmica.

Além disso, a disciplina Sintaxe do Português, novamente com o professor Robson Borges Rua, proporcionou o aprofundamento dos conhecimentos linguísticos, fortalecendo minha base teórica na área.

Os professores mencionados desempenharam papel fundamental em minha trajetória, não apenas pela transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, pelo incentivo constante, que foi decisivo para que eu acreditasse em meu potencial e dessa continuidade ao sonho de concluir minha formação superior.

Além disso, a vivência universitária possibilitou o contato com diferentes perspectivas teóricas e experiências, contribuindo significativamente para a construção de uma visão mais crítica da realidade social. Esse processo formativo não apenas ampliou meus horizontes acadêmicos, mas também fortaleceu minha identidade enquanto sujeito em constante formação, comprometido com a educação e com a transformação social.

5. OS DESAFIOS DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA: PANDEMIA, SAÚDE MENTAL E RESISTÊNCIA

Em 2020, com a chegada da pandemia de COVID-19, enfrentei, juntamente com toda a sociedade, um novo desafio: o isolamento social e a necessidade de adaptação ao ensino remoto. As aulas online, tanto síncronas quanto assíncronas, representaram uma transformação significativa nas formas de ensinar e aprender, exigindo de docentes e discentes o desenvolvimento de novas competências, além de disciplina, autonomia e resiliência.

Esse contexto evidenciou desigualdades já existentes no acesso à educação, relacionadas à disponibilidade de equipamentos, à qualidade da conexão à internet e às condições adequadas de estudo. Como aponta Paulo Freire (1996), a educação deve ser compreendida como prática de liberdade; no entanto, sua efetivação depende das condições concretas de participação dos sujeitos. Para muitos estudantes, especialmente mulheres que conciliam estudos, trabalho e responsabilidades familiares, o ensino remoto demandou esforços adicionais de organização, adaptação e persistência.

No meu caso, a pandemia intensificou desafios já existentes, mas também reforçou a necessidade de desenvolver resiliência, autogestão e de valorizar o apoio familiar. A continuidade dos estudos nesse período representou não apenas a manutenção de uma trajetória anteriormente interrompida, mas também a afirmação de que, mesmo diante de crises globais, é possível persistir e avançar.

Entretanto, no período posterior à pandemia, passei a enfrentar crises de ansiedade, que impactaram diretamente minha frequência às aulas e comprometeram meu desempenho acadêmico. Nesse momento, tive a sensação de que todo o esforço e a trajetória construídos até então estavam ameaçados, gerando sentimentos de frustração e desamparo.

Apesar do apoio de colegas, que demonstravam preocupação e buscavam saber como eu estava, senti vergonha e não consegui compartilhar as razões das minhas dificuldades. Acabei mergulhando em um estado de profunda tristeza, sem conseguir me libertar daquele sofrimento emocional que me dominava. Compreendo, hoje, que não apenas a pandemia foi responsável por esse processo, mas também experiências anteriores, especialmente vivências da infância, que, naquele momento, vieram à tona de forma intensa. Esse silêncio, recorrente em situações de sofrimento emocional, reflete o estigma social ainda associado às questões de saúde mental,

especialmente em contextos educacionais, o que pode dificultar a busca por ajuda, conforme problematiza bell hooks (2013).

Durante todo esse período, contei com o apoio fundamental de meu marido e de meus familiares, que sempre me incentivaram a não desistir. Esse suporte afetivo e social foi decisivo para que eu pudesse enfrentar os desafios impostos pela conciliação entre estudos, família e trabalho. Cada palavra de incentivo foi essencial para minha recuperação e para que eu conseguisse sair do momento de escuridão que, por um período, tentou me envolver profundamente.

Como consequência desse período, fui reprovada em seis disciplinas, fato que intensificou meu desânimo e reforçou, ainda que momentaneamente, sentimentos de incapacidade. No entanto, conforme destaca Paulo Freire (1996), a educação deve ser compreendida como um processo contínuo de transformação, que inclui a possibilidade de retomada mesmo após quedas e obstáculos significativos.

Essa experiência, embora dolorosa, proporcionou um importante momento de reflexão sobre a relevância do cuidado com a saúde mental, do apoio social e da resiliência para a permanência no ensino superior. Compreendi que situações de crise não determinam o encerramento de uma trajetória, mas podem se constituir como oportunidades de autoconhecimento, fortalecimento e reestruturação de estratégias.

Após enfrentar e, gradualmente, superar as crises de ansiedade, consegui retomar minha trajetória acadêmica por meio de uma universidade na modalidade de ensino a distância (EAD). Essa nova etapa exigiu autonomia, disciplina e reorganização pessoal, características fundamentais para a permanência e conclusão nesse formato de ensino.

Foi nesse contexto que concluí o curso de Letras, no ano de 2024, alcançando um objetivo que, por muito tempo, pareceu distante. Essa conquista representa não apenas a finalização de uma graduação, mas a materialização de um percurso marcado por interrupções, desafios e constantes retomadas.

Entretanto, esse momento também foi atravessado por sentimentos ambíguos. Ao mesmo tempo em que experimentei alegria pela conclusão do curso, também senti certa frustração por

não ter finalizado essa etapa junto à minha turma da Universidade Federal do Pará, com a qual iniciei minha trajetória acadêmica. A ausência desse momento coletivo gerou uma sensação de desencontro em relação ao percurso inicialmente idealizado.

Contudo, essa experiência pode ser compreendida à luz das reflexões de Pierre Bourdieu (1999), ao destacar que as trajetórias sociais não são lineares, sendo frequentemente atravessadas por rupturas, deslocamentos e reconfigurações. Assim, concluir o curso em outro contexto não diminui a relevância da conquista, mas evidencia a capacidade de adaptação e persistência diante das adversidades.

Além disso, conforme propõe Paulo Freire (1996), a educação é um processo permanente de construção e reconstrução, no qual o sujeito se reinventa ao longo de sua trajetória. Dessa forma, mais do que o tempo ou o formato em que a formação foi concluída, importa reconhecer o significado desse percurso e as aprendizagens construídas ao longo dele.

Diante disso, compreendo que minha formação não se define apenas pelo ponto de chegada, mas por todo o caminho percorrido. Cada interrupção, cada retomada e cada superação contribuíram para a construção de quem sou hoje: uma mulher que, apesar das dificuldades, não desistiu de si mesma nem de seus sonhos.

6. RETOMADA E CONCLUSÃO DO CURSO

No final do ano de 2025, recebi uma mensagem da coordenação do curso de Letras da Universidade Federal do Pará, campus de Abaetetuba, questionando se ainda havia interesse em concluir o curso anteriormente iniciado. Esse contato representou, para mim, a reabertura de um caminho que, em determinado momento, parecia interrompido.

Diante dessa possibilidade, reconheci a oportunidade de retomar um objetivo que sempre esteve presente em minha trajetória: concluir minha formação em uma universidade pública federal, socialmente reconhecida por sua qualidade acadêmica e relevância na região Norte. Esse desejo não se configura apenas como uma meta individual, mas também como resultado de um processo simbólico de valorização da educação pública e de pertencimento a esse espaço.

Nesse sentido, como discute Pierre Bourdieu (1999), os títulos acadêmicos não possuem apenas valor formativo, mas também constituem um capital simbólico que influencia o modo

como os sujeitos são reconhecidos socialmente. Assim, concluir a formação nessa instituição representa, para mim, a concretização de um projeto que articula trajetória pessoal, reconhecimento social e realização acadêmica.

Entretanto, é importante destacar que esse novo movimento não deslegitima a formação anteriormente concluída. Ao contrário, reconheço e valorizo profundamente a instituição e todos aqueles que contribuíram para a obtenção do meu primeiro título, etapa essencial para minha constituição enquanto profissional e sujeito.

Como aponta Paulo Freire (1996), a educação é um processo contínuo, inacabado e em permanente construção. Dessa forma, minha trajetória evidencia que diferentes experiências formativas não se anulam, mas se somam, ampliando horizontes e fortalecendo minha identidade acadêmica e profissional.

Assim, ao vislumbrar a possibilidade de concluir o curso pela UFPA, não se trata de um recomeço, mas da continuidade de um percurso que sempre esteve em construção, reafirmando meu compromisso com a educação, com minha história e com os sonhos que me constituem.

Diante dessa retomada, a coordenação do curso orientou que eu cursasse as disciplinas pendentes por meio do formato de ensino individual. Essa modalidade, embora desafiadora, apresentou-se como uma alternativa viável para a regularização da minha trajetória acadêmica e para a conclusão do curso anteriormente interrompido.

O ensino individual exigiu de mim um nível ainda maior de autonomia, organização e comprometimento, uma vez que o processo de aprendizagem passou a depender, em grande medida, da minha capacidade de autogerenciamento. Nesse contexto, essa experiência pode ser compreendida à luz do que propõe Paulo Freire (1996), ao enfatizar a importância da autonomia do sujeito no processo educativo, em que aprender implica assumir uma postura ativa na construção do próprio conhecimento.

Além disso, essa etapa reforçou a compreensão de que as trajetórias acadêmicas não seguem um percurso linear e padronizado. Como discute Pierre Bourdieu (1999), os percursos educacionais são atravessados por diferentes condições sociais e experiências individuais, o que

exige, muitas vezes, estratégias diferenciadas para garantir a permanência e a conclusão dos estudos.

Assim, o ensino individual não se configurou apenas como uma exigência institucional, mas como mais uma etapa de superação em minha trajetória, demandando resiliência e reafirmando meu compromisso com a conclusão desse importante ciclo formativo.

Entre as disciplinas pendentes, encontrava-se aquela que, para muitos discentes, representa um dos maiores desafios da graduação: o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Esse momento, frequentemente permeado por inseguranças e expectativas, marcou uma nova etapa em minha trajetória acadêmica.

Diante disso, entrei em contato com o professor Robson, a quem já conhecia de disciplinas anteriormente ministradas, e o convidei para assumir a orientação deste trabalho. A escolha por sua orientação não foi aleatória, mas fundamentada na confiança construída ao longo das experiências acadêmicas anteriores e no reconhecimento de sua atuação enquanto docente.

Após a aceitação do convite, demos início à construção deste memorial, que, para mim, ultrapassa as exigências formais de um trabalho acadêmico. Trata-se de um exercício de reflexão, escrita e ressignificação da minha própria trajetória.

Nesse sentido, como propõe Paulo Freire (1996), narrar a própria história constitui também um ato de consciência crítica, por meio do qual o sujeito se reconhece como protagonista de sua formação. Assim, este memorial não se limita ao registro de fatos, mas se configura como um espaço de análise e compreensão das experiências que marcaram minha infância, adolescência e vida adulta.

Ao revisitar essas etapas, percebo que cada vivência, seja ela marcada por desafios ou conquistas, contribuiu para a construção da minha identidade pessoal, acadêmica e profissional. Dessa forma, este trabalho assume um caráter que vai além do acadêmico, tornando-se um testemunho de resistência, superação e permanência.

7. O TCC E A CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) representa uma etapa significativa na formação acadêmica, não apenas por seu caráter avaliativo, mas por exigir da discente autonomia, reflexão crítica e capacidade de sistematização do conhecimento.

No meu percurso, a construção deste memorial assumiu um significado ainda mais profundo, pois não se tratou apenas da elaboração de um trabalho acadêmico, mas de um processo de revisitação e compreensão da minha própria trajetória. Diferentemente de outras produções acadêmicas, este trabalho exigiu um envolvimento pessoal intenso, mobilizando memórias, sentimentos e experiências que contribuíram para a construção da minha identidade.

Nesse sentido, conforme discute Paulo Freire (1996), a educação se constitui como um processo de conscientização, no qual o sujeito passa a compreender criticamente sua realidade e seu papel no mundo. A escrita do memorial, portanto, possibilitou não apenas o registro de vivências, mas também a análise dessas experiências à luz de uma perspectiva crítica.

Ao longo desse processo, percebi que minha trajetória não pode ser compreendida de forma isolada, mas como parte de um contexto social mais amplo, marcado por desafios, desigualdades e também por possibilidades de transformação. Assim, a escrita tornou-se um instrumento de reflexão e de ressignificação, permitindo atribuir novos sentidos às experiências vividas.

Além disso, a elaboração deste trabalho exigiu disciplina, organização e compromisso, características fundamentais para a conclusão do curso. Cada etapa da escrita representou um avanço não apenas acadêmico, mas também pessoal, evidenciando o quanto o processo formativo ultrapassa os limites da sala de aula.

Dessa forma, este memorial não se configura apenas como uma exigência curricular, mas como um marco na minha trajetória, por consolidar aprendizagens, reconhecer desafios superados e reafirmar meu compromisso com a educação. Mais do que concluir uma etapa, este trabalho representa a materialização de um percurso construído com esforço, persistência e desejo de transformação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão do curso de nível superior pela Universidade Federal do Pará representa a concretização de um sonho construído ao longo de muitos anos. Trata-se de um objetivo que, em diversos momentos, pareceu distante, especialmente diante das críticas e dos julgamentos que enfrentei por não possuir formação superior.

Essas experiências evidenciam como o acesso à educação ainda é atravessado por desigualdades e estigmas sociais, que tendem a deslegitimar sujeitos oriundos de contextos de vulnerabilidade. No entanto, como discute Pierre Bourdieu (1999), a conquista de um título acadêmico ultrapassa o âmbito individual, representando também a aquisição de um capital simbólico que amplia possibilidades de reconhecimento social e inserção em novos espaços.

Nesse sentido, concluir esta graduação não se configura apenas como uma realização pessoal, mas como a expressão de um percurso marcado pela resistência, pela superação e pela persistência. É a materialização da força e da determinação de uma mulher que, mesmo diante de múltiplas adversidades, não abriu mão de seus sonhos e reafirmou, continuamente, sua capacidade de seguir em frente.

Além disso, reconheço que essa conquista não foi construída de forma isolada. Ela é resultado de uma rede de apoio constituída por familiares, professores, colegas e por todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Como afirma Paulo Freire (1996), ninguém se forma sozinho; a educação é um processo coletivo, que se constrói na relação com o outro e com o mundo, sendo atravessada por experiências, trocas e aprendizagens compartilhadas.

Ao revisitar minha trajetória, reconheço não apenas os desafios enfrentados, mas, sobretudo, as aprendizagens construídas ao longo do caminho. Cada dificuldade vivenciada contribuiu para o fortalecimento da minha identidade e para a consolidação de valores como resiliência, responsabilidade e compromisso com a educação.

Dessa forma, este momento simboliza mais do que a conclusão de uma graduação: representa a consolidação de minha identidade enquanto pessoa, profissional, mãe e mulher. Trata-se de um marco que sintetiza não apenas o fim de uma etapa, mas o início de novas possibilidades, novos projetos e novas formas de atuação no mundo.

À luz das reflexões de Paulo Freire (1996), compreendo que a educação é um processo permanente, inacabado e em constante construção. Assim, concluir este curso não representa um ponto final, mas o início de uma nova etapa, na qual sigo em busca de novos conhecimentos, desafios e realizações. Finalizo este percurso com um profundo sentimento de gratidão — por cada obstáculo que me fortaleceu, por cada aprendizado construído e por cada pessoa que acreditou em mim, mesmo quando eu duvidei de mim mesma. Reafirmo, portanto, que a educação transformou minha vida e continuará sendo o caminho por meio do qual construirei novos horizontes, pautados no compromisso com o conhecimento, com a transformação social e com a valorização de minha própria história.

Concluir esta trajetória acadêmica é, antes de tudo, reconhecer-me como sujeito histórico em permanente construção, consciente de que a educação não se esgota em certificados, mas se realiza na capacidade de ler criticamente o mundo e de nele intervir. À luz das reflexões de Paulo Freire (1996), compreendo que formar-se é um ato contínuo de reinvenção, no qual o saber se constrói na relação entre experiência, reflexão e prática. Assim, mais do que alcançar um título, afirmo minha condição de sujeito que aprende, resiste e transforma, entendendo que cada conquista carrega em si não apenas um sentido individual, mas também coletivo. É nesse movimento inacabado que a educação se revela como prática de liberdade, permitindo que eu não apenas reescreva minha própria história, mas também contribua para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e humanizada.

Essa trajetória de superação, marcada por desafios, resiliência e a busca constante pelo conhecimento, moldou profundamente minha visão sobre educação e minha forma de ensinar Língua Portuguesa. Cada obstáculo enfrentado me ensinou a importância de compreender as singularidades de cada indivíduo, reconhecendo que o processo de aprendizagem vai muito além do conteúdo formal, envolvendo empatia, incentivo e valorização das experiências individuais. Assim, fecho este ciclo da minha formação acadêmica não apenas como licenciada, mas como educadora comprometida em transformar realidades, construindo, a partir da Língua Portuguesa, pontes de conhecimento e inclusão, firmando minha identidade profissional pautada na superação, na dedicação e no impacto social que a educação pode gerar.

9. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Petrópolis: Vozes, 1989.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MAIA FERNANDES, Maria da Penha. Sobrevivi... posso contar. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MAIA FERNANDES, Maria da Penha. Sobrevivi... posso contar. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.